

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Marcus Vinicius Ramos da Costa

**LIBERDADE ALÉM DO PROGRESSO: UMA LEITURA CRÍTICA DA PRIMEIRA PARTE DE
MEMÓRIAS DO SUBSOLO**

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso). Orientador: Prof. Dr. Jimmy Sudário Cabral

Juiz de Fora
2025

DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu, **MARCUS VINICIUS RAMOS DA COSTA**, acadêmico do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número **202273004A** declaro que sou autor do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **LIBERDADE ALÉM DO PROGRESSO: UMA LEITURA CRÍTICA DE MEMÓRIAS DO SUBSOLO**, desenvolvido durante o período de 14/04/2025 a 15/08/2025 sob a orientação de JIMMY SUDÁRIO CABRAL, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, 06 de agosto de 2025.

MARCUS VINICIUS RAMOS DA COSTA

Marcar abaixo, caso se aplique:

Solicito aguardar o período de () 1 ano, ou () 6 meses, a partir da data da entrega deste TCC, antes de publicar este TCC.

OBSERVAÇÃO: esta declaração deve ser preenchida, impressa e **assinada** pelo aluno autor do TCC e inserido após a capa da versão final impressa do TCC a ser entregue na Coordenação do Bacharelado Interdisciplinar de Ciências Humanas.

Dedico este trabalho aos meus pais,
amigos e professores que me
ajudaram nessa jornada

LIBERDADE ALÉM DO PROGRESSO: UMA LEITURA CRÍTICA DE MEMÓRIAS DO SUBSOLO

Marcus Vinicius Ramos da Costa

Resumo

Este trabalho analisa criticamente a obra *Memórias do Subsolo*, de Fiódor Dostoiévski, com o objetivo de evidenciar sua denúncia à racionalidade moderna, ao utilitarismo e à falsa promessa de fraternidade que sustenta o ideal burguês ocidental. Através de uma leitura crítica, mostra-se como Dostoiévski antecipa a crítica existencialista ao mostrar que, ao tentar tornar o ser humano um objeto passível de um tipo de sistematização, visando a lógica do lucro, negando o sofrimento, a contradição e o absurdo da vida, a modernidade acaba por extinguir aquilo que constitui a própria condição humana ou seja a livre escolha. O "homem do subsolo" surge assim como a personificação da consciência que recusa toda forma de domesticação racional, afirmando uma liberdade trágica e intransigente. O trabalho conclui que a crítica dostoiévskiana mantém atualidade ao apontar o impasse entre técnica, razão e subjetividade. Apontando para a crítica do racionalismo que visa objetificar as instâncias da existência.

Palavras-chave: Dostoiévski; racionalismo; utilitarismo; liberdade.

1. INTRODUÇÃO

A obra *Memórias do Subsolo* de Fiódor Dostoiévski emerge como uma das críticas mais contundentes ao ideário moderno europeu do século XIX, especialmente no que diz respeito à exaltação da razão, à crença no progresso técnico e científico e à difusão do utilitarismo como doutrina moral e política. Ao contrário de um otimismo ingênuo em relação às conquistas da racionalidade, Dostoiévski revela, por meio de suas obras, os limites e as consequências existenciais de uma sociedade organizada sobre princípios supostamente universais de cálculo, ordem e utilidade.

No romance publicado em 1864, Dostoiévski constrói uma figura trágica e paradoxal, o "homem do subsolo", personagem que encarna a recusa radical à sistematização da vida humana. Esse sujeito, profundamente consciente e auto-reflexivo, denuncia as promessas falidas de uma modernidade que, ao tentar regular o comportamento humano por meio de leis racionais e fórmulas de bem-estar coletivo, sacrifica a liberdade, o desejo e a subjetividade. Sua fala é desordenada, cheia de contradições, ressentimentos e sarcasmos, mas é justamente aí que reside sua potência crítica. O subsolo não é apenas um lugar físico, mas a metáfora do interior humano em conflito com um mundo cada vez mais mecanizado.

Essa crítica se estende também ao contexto social europeu observado por Dostoiévski em sua viagem ao Ocidente. Em *Notas de Inverno sobre Impressões de Verão* publicado um ano antes em 1863, o autor descreve com perplexidade e tristeza a realidade social inglesa, onde o ideal utilitarista, longe de promover uma sociedade mais justa, acarreta em alienação, hipocrisia moral e uma vida urbana espiritualmente empobrecida. A Inglaterra da Revolução Industrial, berço do utilitarismo de John Stuart Mill, é retratada como uma máquina desprovida de alma, na qual a liberdade, a fraternidade e a igualdade são transformadas em ideais vazios, condicionados ao poder aquisitivo e ao cálculo do lucro (DOSTOIÉVSKI, 2020.p 56).

Neste contexto, como aponta Frank (1992,p. 121) Dostoiévski antecipa questões que seriam centrais para a cultura do pensamento ocidental e para o desenvolvimento da psicanálise, ou seja o problema do livre-arbítrio, o absurdo da existência, o conflito entre desejo e razão, e o papel do sofrimento como via de experiência autêntica da vida. Sua obra tensiona a racionalidade iluminista, propondo que o humano não pode ser reduzido a categorias utilitárias. O "homem do subsolo" não busca redenção, mas afirma a liberdade trágica de um sujeito que escolhe, inclusive o próprio fracasso como forma de resistência ao mundo ordenado e previsível que lhe é imposto.

2. ASCENSÃO DO RACIONALISMO

O século XIX foi marcado por um tipo de ideal do progresso, com grandes transformações, amparado principalmente pelo sucesso decorrente da revolução industrial e os avanços tecnológicos. O período é atravessado, especialmente na Europa, por um imaginário coletivo, que se definia numa grande expectativa na racionalização das instâncias da vida. Existia uma crescente força na ideia de que as conquistas feitas pela razão humana removeram o homem de sua ignorância claudicante. Grandes transformações sociais, políticas e tecnológicas marcaram esse tempo. No que tange grande parte da filosofia da época era refletido esse ideal, esse entusiasmo para com a ciência, e uma forte expectativa na chegada de um ponto onde, os movimentos em todos os aspectos do ser seriam submetidos ao cálculo e à análise.

Pois então, cada vez mais informações sobre as condições dos fenômenos, poderíamos prever cada acontecimento da realidade. Portanto, com essas conclusões, chegaria-se à ideia de que o livre arbítrio existe unicamente pela ignorância da razão em conhecer as instâncias da realidade, pois quanto mais a razão se expandir, mais ela seria capaz de prevenir e assim, conseqüentemente, retirar uma característica propriamente humana, a escolha. No campo político o paradigma se estende ao utilitarismo.

A pobreza, em qualquer sentido implicando sofrimento, pode ser completamente extinta pela sabedoria da sociedade, combinada com o bom senso e a providência dos indivíduos. Mesmo o mais intratável dos inimigos, a doença, pode ser indefinidamente reduzida em dimensões pela boa educação física e moral, e controle adequado de influências nocivas; enquanto o progresso da ciência traz uma promessa para o futuro de conquistas ainda mais diretas sobre esse inimigo detestável. E todo avanço nessa direção nos livra de algumas, não apenas das chances que reduzem as nossas próprias vidas mas, o que mais nos preocupa, que nos privam daqueles em quem a nossa felicidade está presente. (MILL, 2019, p 17).

O utilitarismo, conforme formulado e desenvolvido por John Stuart Mill, propõe que a moralidade das ações humanas deve ser avaliada com base em sua utilidade, ou seja, na capacidade de promover o maior prazer possível e reduzir o sofrimento. Essa perspectiva trata a felicidade como um princípio mensurável, organizando as escolhas éticas e políticas por meio de cálculos racionais. Dentro dessa lógica, o comportamento humano tende a ser previsível, pois se baseia na busca por satisfação e na fuga da dor o que aproxima o indivíduo da imagem de um ser funcional dentro de um sistema mecânico de causas e efeitos que propunha unicamente a máxima do bem. Independentemente dos meios para se chegar ao resultado, a teoria reflete a quantificação e a instrumentalização das ações humanas, que agora são baseadas num tipo de lógica de produção, que visa apenas e cada vez mais a maximização do bem estar coletivo. Afirma Mill (2019, p 20): “A multiplicação da felicidade é, de acordo com a ética utilitarista, o objetivo da virtude”. A doutrina tem por consequência um tipo de adoecimento do indivíduo, pois domestica e reprime toda subjetividade, transformando o ser em apenas uma espécie de artifice que opera junto a máquina coletiva, como uma engrenagem, enquadrado dentro do projeto racional de civilização.

A escolha espontânea, a ideia de contradição, e a subjetividade sofrem assim a possibilidade de serem interpretadas como uma espécie de falha, que se demonstra contrária à lógica utilitarista. A liberdade humana nesse contexto tende a perder toda sua dimensão trágica, sua imprevisibilidade e angústia, pois ela passa a ser objetificada e classificada, em um sistema de análise que dita parâmetros antecipadamente prevenidos. O sofrimento, o erro, e o impulso destrutivo são desclassificados nessa lógica do progresso pelo progresso. É precisamente nesse contexto que emerge o “homem do subsolo” de Dostoiévski, sua revolta está direcionada precisamente contra todo esse enquadramento e expectativa na racionalidade e no progresso científico. O homem do subsolo recusa todo o conforto oferecido pela lógica racionalista e abraça a tragicidade da vida, mesmo que essa ainda seja absurda, irracional e também destrutiva, mas todavia, humana demasiada humana.

O filósofo assim lança a aposta de que a razão é o meio pelo qual o homem poderia conhecer as instâncias da vida. Esse otimismo progressista para com a ciência observa na razão uma ferramenta que não obstante auxiliaria a extirpar a ignorância, o sofrimento e o caos humano. Uma das consequências dessa lógica de pensamento é uma análise fria e mecanicista do indivíduo, que pode ser compreendido em todo seu ser, pois a partir de quando entendemos as leis que regem todos os processos da vida, seríamos capazes de calcular e objetificar os fenômenos. Listando assim leis, leis é claro que a própria razão poderia compreender. Logo a liberdade começa a ser posta em xeque, subordinada pela eficiência, toda ética e moral social poderiam passar

a ser entendidas como um tentáculo da razão, um parâmetro onde a racionalidade poderia assim estender sua influência e maximizar o bem estar coletivo. O indivíduo então passa a ser entendido como um cálculo a ser descoberto e analisado em uma mesa de autópsia onde quem opera mas ao mesmo tempo é operado é a própria razão. A razão logo então seria capaz de criar tabelas nivelando atitudes superiores e inferiores, consequentemente enquadrando e objetificando o indivíduo, como aponta Mill (2019, p 11) “É perfeitamente compatível com o princípio da utilidade reconhecer o fato de que alguns tipos de prazer são mais desejáveis e mais valiosos do que outros.”

A Inglaterra do século XIX tornou-se o epicentro simbólico do pensamento utilitarista moderno, trazendo à tona um ideal que propunha a maximização da felicidade como critério último da moralidade. No âmbito político e econômico, a doutrina serviu de fundamento ideológico para o capitalismo industrial que surgia. Mas se encontra por trás dessa fachada racional e otimista uma realidade social esmagadora. Os efeitos do progresso foram desigualmente distribuídos enquanto uma pequena elite burguesa acumulava riquezas e conforto, a massa operária vivia sob condições degradantes de trabalho e de moradia.

Os trabalhadores inclusive eram submetidos a todo tipo de represálias e insalubridades, sustentando com sua força de trabalho, os ideais de liberdade e felicidade que nunca os alcançaram. Foi então neste contexto que Dostoiévski observou durante sua viagem à Inglaterra e que descreveu com perplexidade e angústia em *Notas de Inverno sobre Impressões de Verão*. Em Londres o autor se depara com uma ordem social que atravessada pelo ideal produtivo, lhe parece espiritualmente vazia. A cidade é retratada como um organismo colossal mas mecânico, onde homens são reduzidos a engrenagens. “Aquilo que ali se vê nem é mais povo, mas uma perda de consciência sistemática, dócil, estimulada” (DOSTOIÉVSKI,2020, p.44).

Nessa Londres industrial, Dostoiévski enxerga uma multidão de escravos brancos, que depois de uma semana de trabalhos exaustivos, dedicam seu sábado a uma embriaguez silenciosa, quase que ritualística. Trata-se então de uma catarse desesperada não uma celebração da vida, mas um tipo suspiro pela sobrevivência. Pois então a sociedade que se ergue a partir do utilitarismo promete racionalidade, mas entrega apenas alienação travestida de progresso, e prende o espírito sob o jugo da utilidade e da ordem. “As cervejarias estão enfeitadas como palácios. Tudo parece ébrio, mas sem alegria, sombrio, pesado, estranhamente silencioso. Apenas de quando em quando, impropérios e brigas sangrentas rompem este silêncio suspeito, que provoca uma sensação de tristeza”. (DOSTOIÉVSKI,2020 p.44) Para além da crítica ao estado físico e espiritual da classe trabalhadora, Dostoiévski observa também a hipocrisia moral do ideal burguês.

A liberdade, a igualdade e a fraternidade, palavras de ordem herdadas da grandiosa revolução francesa, são na visão do autor apenas símbolos vazios, tornados instrumentos de exclusão. “Muito bem. O que é libérté? A liberdade. Que liberdade? A liberdade, igual para todos, de fazer o que bem se entender, dentro dos limites da lei. Mas quando é que se pode fazer o que bem se entende? Quando se possui um milhão”. (DOSTOIÉVSKI, 2020.p 56). A liberdade então não se demonstra como um dado universal, mas sim como um privilégio. A igualdade é jurídica mas não concreta nas instâncias da vida. E a fraternidade se demonstra impossível em um mundo fundado sobre o individualismo, a defesa do eu e a lógica da vantagem.

O ocidente, para Dostoiévski, não é atravessado por um princípio fraterno porque erigiu como valor supremo a individualidade, e não a comunhão. O autor entende que a verdadeira fraternidade só pode surgir quando o indivíduo renuncia ao próprio eu, e assim é capaz de se sacrificar completamente sem esperar nada em troca. Mas essa entrega não pode ser racional, nem com intuito de lucro ou vantagem. Ela precisa nascer da natureza, do instinto do povo. “É uma desgraça fazer, neste caso, o menor cálculo sequer [...] É preciso sacrificar-se sem qualquer expectativa de vantagem” (DOSTOIÉVSKI,2020 p.58). Essa crítica radical à razão utilitarista revela uma profunda desconfiança quanto à possibilidade de regeneração do ocidente pela via racional e progressista. O cálculo, o contrato, o mérito e a previsibilidade todos valores caros ao utilitarismo são expostos por Dostoiévski como um tipo de instrumentação para a redução do humano e para seu esvaziamento espiritual e alienação.

É nesse ponto que surge a figura do "homem do subsolo" do romance *Memórias do Subsolo*. Se nas ruas de Londres a luz do dia Dostoiévski encontra uma massa humana esvaziada de subjetividade e autonomia, é no subsolo que ele imagina um indivíduo que resiste. Um homem que recusa a racionalidade do palácio de cristal, que desafia o progresso, que se afasta dos modelos de bem estar. Que reivindica o direito de sofrer, de errar, de ser contraditório porque apenas assim se pode ser verdadeiramente livre. O “homem do subsolo” não é um modelo ideal, mas um espelho quebrado do fracasso do Ocidente moderno. Sua angústia, seu ressentimento e sua contradição interna expressam a crise de um mundo que, ao tentar salvar a humanidade pelo cálculo, esqueceu o que há de irredutivelmente humano a liberdade de não fazer sentido algum.

Para Joseph Frank, (1992, p. 70) a literatura russa do século XIX emerge como um campo de intensos conflitos espirituais e ideológicos, especialmente no que se refere ao embate entre os valores ocidentais e a tradição russa. Esse dilema atravessa toda a produção intelectual da época e se reflete diretamente nas obras dos grandes escritores. Esse impasse não se reduzia a uma simples preferência cultural, mas sim a um conflito existencial profundo sobre a própria identidade do povo russo. A literatura nesse contexto se tornava um palco de debate e uma tentativa de resolução simbólica dessa tensão.

Além disso, ainda que as idéias eslavófilas nunca tenham sido amplamente aceitas em sua forma original, elas injetaram um extraordinário fermento no pensamento russo, pois foram a primeira tentativa feita em larga escala de apresentar uma imagem alternativa aos modelos socioculturais da Europa ocidental.(FRANK,1992,p 70).

Segundo Frank (1992) no século XIX, pensadores russos chamados eslavófilos passaram a criticar fortemente a influência ocidental na Rússia. Para eles, o modelo europeu baseado no racionalismo, no individualismo e na propriedade privada, causava a fragmentação do ser humano e da sociedade. Em oposição a isso, defendiam o retorno à chamada “Sagrada Rússia”, marcada pela fé ortodoxa, pela vida comunitária e pela unidade espiritual do povo. Elementos como a *obshchina* e a *sobornost* eram vistos como a verdadeira essência russa, perdida após as reformas ocidentalizantes de Pedro o Grande. Logo assim os eslavófilos acreditavam que a salvação da Rússia estava no resgate de suas tradições coletivas e espirituais, e não na imitação do Ocidente moderno. Como afirma Frank (1992, p. 69) “Os eslavófilos, especialmente Kiriéievski, salientaram que o excessivo racionalismo da cultura ocidental tinha destruído a ‘integridade’ do eu e levado a uma profunda ruptura da personalidade, que só poderia ser curada pela fé.”

É nesse espírito que se insere a obra de Dostoiévski, talvez o mais emblemático dos escritores russos no que diz respeito à exploração das dimensões espirituais do ser humano. Nas suas narrativas, os personagens enfrentam tormentos morais, crises de fé e culpas profundas, que os colocam frente a frente com suas próprias almas e com a possibilidade de redenção. Essa perspectiva se opõe frontalmente à racionalidade iluminista ocidental, que tende a ver o sofrimento como algo a ser eliminado através do progresso social ou técnico.

Dostoiévski constrói, através da figura do homem do subsolo, uma resposta contundente à ideia de que o comportamento humano poderia ser inteiramente explicado e disciplinado por meio da razão, da ciência e do cálculo utilitário. Diz Fernandes (2021, p. 146) “A primeira parte da novela é, portanto, uma crítica direta ao racionalismo dos anos de 1860.” Dostoiévski considera a visão do racionalismo, ao tentar criar leis e tabelas para regular o ser humano profundamente ingênua. Para ele, a redução da natureza humana a um mecanismo de cálculo e previsibilidade é incapaz de explicar as contradições e ambivalências do espírito humano, especialmente sua tendência ao auto boicote, ao sofrimento voluntário e à rebeldia contra qualquer forma de coerção, inclusive a coerção da razão.

A ideia de que o egoísmo racional, uma vez aceito, faria com que o homem compreendesse a utilidade de se identificar com a maioria para instaurar o bem comum na sociedade é vista por Dostoiévski como uma utopia. Isso porque tal proposta negligencia a necessidade humana de exercer seu livre-arbítrio. (FERNANDES,2021,p 147).

O personagem de Dostoiévski, o “homem do subsolo” incorpora essa crítica ao cientificismo e se põe de frente contra essa crença cega na razão como guia absoluto. A inquietação, o desejo, o sofrimento e a liberdade não cabem em fórmulas ou sistemas lógicos. A crítica de Dostoiévski, no entanto, não é uma negação pura e simples da razão, mas uma denúncia de seus limites. Trata-se de apontar que o ser humano é movido não apenas pela lógica da utilidade, mas também por pulsões irracionais, pelo desejo de afirmar sua vontade mesmo contra seu próprio interesse, e por uma busca por sentido que não pode ser satisfeita por fórmulas matemáticas ou utopias sociais.

Assim, Dostoiévski antecipa, com impressionante lucidez, a crise do sujeito moderno, alguém cindido entre o desejo de pertencimento e a afirmação radical da liberdade; entre a promessa de felicidade coletiva e a recusa da uniformização moral. O romance se torna, portanto, um manifesto contra a redução do humano a

engrenagens de um sistema racional, propondo, como alternativa, uma ética que reconheça a complexidade e a imprevisibilidade da alma.

3. LIBERDADE ALÉM DA REDUÇÃO

O subsolo se caracteriza como um espaço para a metáfora da interioridade humana, ele representa a vontade, o caos, o impulso não domesticado, além de tudo também é uma representação da revolta subjetiva contra qualquer tipo de domesticação e normalização. Portanto, toda narração do "homem do subsolo" se demonstra como ato de resistência enquanto se opõe a objetificação da vida, ao enquadramento racional e o otimismo cego, que não vê no homem toda sua rebeldia trágica. Todo discurso do "homem do subsolo" privilegia a liberdade além do progresso. Ele se veste de uma roupagem que vai contra a norma, ele recusa ser transparente e dadificado, ele se caracteriza como um estilo trágico, como a superfície barrenta de um lago, onde não se pode saber o que se encontra submerso, a liberdade se caracteriza como esse lago.

O "homem do subsolo" é a recusa em aceitar que o comportamento humano possa ser calculado ou estimado por qualquer tipo de lei ou valoração, ele é, assim, a recusa do ideal utilitarista da instrumentalização da vida. Ele refuta a ideia de que conhecendo os valores e os desejos de um indivíduo, passa se assim ser possível prever que tipo de ação poderia se tomar ou não. Para Dostoiévski o homem não é entendido como uma equação a ser solucionada. O ser humano pode e vai muitas vezes agir contra sua própria vantagem apenas para afirmar sua liberdade, aí consiste a tragicidade da existência, fator esse reivindicado pelo indivíduo.

O "homem do subsolo" torna clara sua recusa ao racionalismo do século XIX, que não se dá por ignorância ou irracionalismo, mas sim por uma percepção aguda das limitações da razão e da moral utilitária. Para ele, a tentativa de reduzir a vida humana à lógica, destrói justamente aquilo que torna a existência viva, ou seja o desejo, o impulso, o erro, a liberdade. Dostoiévski leva essa crítica ao limite da ironia, imaginando um futuro onde até os desejos seriam calculados em tabelas científicas, tornando o ato de viver apenas uma mera repetição de fórmulas.

E Assim, como todas as vontades e os raciocínios poderão ser, de fato, calculados, pois um dia serão reveladas as chamadas leis do nosso assim chamado livre-arbítrio, então, portanto, e sem brincadeira, vai ser possível montar uma espécie de tabela para que nós, realmente, só venhamos a querer em conformidade com essa tabela. (DOSTOIEVSKI, 2020, p 56).

O autor enxerga uma perda de espontaneidade como a morte da vida autêntica. Agir de acordo com a tabela significa renunciar à liberdade e mesmo à contradição. E é justamente contra essa normatização da vontade que o "homem do subsolo" se insurge. No fundo Dostoiévski quer mostrar que se tudo for previsível, nada mais será desejável, pois a própria noção de escolha se dissolve. Ele antecipa o paradoxo existencial moderno, ou seja, a liberdade é angustiante, mas necessária, e sem ela, o ser humano se torna apenas uma engrenagem, ainda que bem lubrificada.

O "homem do subsolo" recusa a lógica utilitarista ao assumir uma liberdade que se caracteriza como ruptura, como negação, pois ela traz toda imprevisibilidade da existência. A consequência dessa liberdade que se opõe a lógica racional está na angústia diante a contingência a que o ser está inserido. A liberdade reivindicada pelo "homem do subsolo" traz a dignidade do indivíduo pois ela se recusa a qualquer tipo de redução, ela se revolta, é uma liberdade que afirma. A liberdade carrega então em si o embrião da angústia mas também o da autenticidade. Toda essa crítica vai além, Dostoiévski está denunciando todo esse otimismo que se desencadeia numa obsessão para um futuro idealizado, o autor retrata com sarcasmo todo o imaginário do século através das palavras do "homem do subsolo".

Nesse tempo, e tudo isso são os senhores que estão dizendo, terão início novas relações econômicas, perfeitamente preparadas e calculadas com precisão matemática, de tal modo que, num piscar de olhos, desaparecerão todos os tipos de perguntas, justamente

porque elas vão receber todos os tipos de respostas.(DOSTOIEVSKI, 2020, p. 50).

É nesse contexto que o “homem do subsolo” antecipa um gesto de rebeldia. Ele prevê alguém a quem seria capaz de se levantar nesse meio e dizer não para “dar um pontapé em todos esse bom senso de uma vez por todas para que ele vire pó e mandar esses logaritmos para o diabo” (DOSTOIEVSKI, 2020, p 51). Esse impulso é por definição a manifestação mais pura da liberdade humana pois não está vinculada à lógica do lucro, cálculo e nem mesmo do próprio interesse. O “homem do subsolo” de Dostoievski é a sátira que diz diretamente que o ser humano valoriza acima de tudo sua liberdade e age de caso contra seu próprio lucro.

O Lucro! O que é o lucro? Será que os senhores aceitariam a tarefa de definir, com perfeita exatidão, em que consiste precisamente o lucro para um ser humano? E se acontecer que, em certos casos, lucro para um ser humano não apenas pode como até deve consistir justamente, alguma vez, em desejar para si algo ruim e não algo vantajoso? E, se e assim, se um caso como esse simplesmente pode existir, toda essa regra vira pó.(DOSTOIEVSKI, 2020, p 45).

O utilitarismo parte de um pressuposto de que a felicidade possa ser calculada e normatizada mas esse ideal bate de frente com o que Dostoievski defende, ou seja, de que existe de um lucro superior a todos os lucros, um lucro que escapa a qualquer tentativa de normatização, ou seja o lucro da livre escolha. mesmo que essa possa ser insana, absurda ou desastroso, o autor entende que para o ser humano, se demonstra como mais importante a capacidade de escolher livremente, seja por capricho, por orgulho ou fantasia, assim mesmo que seja de uma forma trágica o ser humano afirma sua dignidade frente a sistemas racionais que visam objetificar as instâncias da vida.

isso acontece justamente porque o ser humano, sempre e em toda parte, quem quer que ele seja, adora agir como bem entende e nem de longe como ordenam a razão e o lucro; e ele pode, muito bem, querer agir contra seu próprio lucro e às vezes, inclusive, ele deve, inapelavelmente (mas isso já é ideia minha), fazer isso. Sua escolha livre, própria, sem constrangimentos, seu capricho pessoal, mesmo o mais desarvorado, sua fantasia, por vezes exasperada até as raias da loucura é isso que importa e é esse o tal lucro omitido, o tal lucro mais lucrativo que não se encaixa em nenhuma classificação e que sempre manda pra diabo qualquer teoria e qualquer sistema. Afinal, de onde todos esses sábios tiraram a ideia de que o ser humano precisa de sei lá que vontade normal e virtuosa? De onde foi que inventaram, imperiosamente, que o ser humano precisa, imperiosamente, de uma vontade racional e lucrativa? O homem só precisa de uma vontade independente, custe o que custar essa independência, e não importa para onde ela possa acabar levando. Mas, afinal, da vontade, o diabo é quem sabe (DOSTOIEVSKI, 2020, p 51-52).

Existe na atitude do “homem do subsolo” um tipo de prazer perverso no sofrimento esse prazer se demonstra como um tipo de atitude de resposta com um gesto de sarcasmo perante a pretensão de uma lógica racional que busca coerência e objetificação das instâncias . toda a angústia do “homem do subsolo” é posta como um tipo de espetáculo mesmo que isso não traga nenhum tipo de redenção, ele mesmo assim a expõe de forma ultrajante como um meio de resistência à redução da vida. A dor se expressa como sentido na medida em que o estado absoluto de respostas traria consigo o tédio absoluto, e sendo assim seria preferível “até cravar alfinetes de ouro por causa do tédio” aqui dostoiévski denuncia a rigidez e a dureza espiritual de um mundo regido pela lógica do cálculo onde assim todas as respostas seriam solucionadas e assim o homem poderia finalmente agir conforme a racionalidade.

Através de uma lucidez extrema o “homem do subsolo” é capaz de encontrar prazer na dor “ A caso uma pessoa consciente pode respeitar a si mesma por pouco que seja?” Dostoievski expõe assim o lado trágico

da autenticidade, enquanto mais se compreende menos se pode agir de forma simples. a consciência de certa forma caminha rumo ao absurdo, a perda de sentido e conseqüentemente a uma necessidade de criar e ter liberdade frente a vida e toda sua absurdidade, mesmo que essa liberdade seja mesmo um não fazer nada. erro assim deixar de ser apenas uma falha a ser corrigida e passa a ter um sentido, ele se transforma em um tipo de forma para resistir contra o conforto programado e toda a forma de vida ditada. Para o “homem do subsolo” as pessoas práticas e de ação, são limitadas na medida em que julgam as casualidades da vida de forma precipitada, está justamente na inércia, no parar e olhar, o fruto da consciência.

Afinal, o fruto da consciência, o fruto direto, legítimo, imediato, é a inércia, ou seja, ficar sentado-de-braços-cruzados Já mencionei isso antes. Repito, e repito com ênfase: todas as pessoas práticas e de ação, todas elas, são tolas e limitadas porque são pessoas de ação. Como isso se explica? Da seguinte maneira: por conta de sua limitação, elas tomam as causas mais próximas e secundárias como se fossem primordiais e, dessa forma, acabam convencidas, de modo mais fácil do que outras pessoas, de que encontraram o fundamento inabalável de sua atividade, e então, pronto, ficam tranquilas; afinal, isso é o mais importante. (DOSTOIEVSKI, 2020, p 39).

Nisso consiste o erro de toda lógica racional que visa um empreendimento perante a magnitude amplificada da vida, julgam as causas de forma equivocada, assim objetificam a vida, a transformam em um objeto a ser medido e calculado, a liberdade se expressa na capacidade que o ser humano possui de fazer algo imprevisível, algo que seja contrário ao seu próprio interesse como ironiza Dostoiévski

Mas repito para os senhores, pela centésima vez: existe um só caso, apenas um, em que um ser humano pode, de propósito, de forma consciente, desejar para si algo até prejudicial, tolo, tolo demais, até, ou mais exatamente: pode ter o direito de desejar para si algo tolo demais, sem ser tolhido pela obrigação de desejar para si só o que for inteligente? Pois essa coisa tola demais, pois esse seu capricho, no fundo, senhores, pode acabar sendo mais vantajoso do que tudo que existe no mundo, para os nossos semelhantes, especialmente em certos casos. Mas, em particular, isso pode ser mais vantajoso do que todos os lucros até mesmo num caso em que nos traga um prejuízo óbvio e contradiga as conclusões mais saudáveis da nossa razão acerca dos lucros - porque, de um jeito ou de outro, conserva para nós o principal, o que há de mais precioso, ou seja, nossa personalidade e nossa individualidade. (DOSTOIEVSKI, 2020, p 56).

A crítica do “homem do subsolo” à racionalidade não nega que a razão tenha valor, pelo contrário, ele a reconhece como algo útil e necessário. No entanto, ele insiste que a razão representa apenas uma fração limitada da vida humana, e que há algo muito mais amplo e irredutível, ou seja a vontade. “A razão satisfaz apenas a capacidade humana de raciocinar; ao passo que a vontade é a manifestação de toda a vida”(DOSTOIEVSKI, 2020, p 55) . A vontade aqui não é sinônimo de razão instrumental nem de desejo egoísta, mas sim da totalidade caótica da experiência humana. A razão, desejo, dor, impulso, contradição, tudo junto. O ser humano não deseja apenas viver racionalmente; ele deseja viver com intensidade, mesmo que isso inclua sofrimento, erro e loucura.

O ser humano é um ser que não se contenta em ser apenas racional ele quer afirmar sua existência, ainda que isso o destrua. Dostoiévski ironiza a ideia de que viver racionalmente seja suficiente, afirmando que a razão é “uma vigésima parte”(DOSTOIEVSKI, 2020 p 55) da vida, se tanto. A verdadeira vida está na imprevisibilidade, no impulso e até no absurdo. Como ele diz: “A natureza humana age como um todo, com tudo que há nela, consciente ou inconsciente e, embora minta, ela está viva” (DOSTOIEVSKI, 2020, p 55). Esse “mentir” da natureza humana é o que desafia o sonho iluminista de clareza, controle e coerência. Para

Dostoiévski, viver plenamente é aceitar esse caos interior, não domesticá-lo. É aqui que sua visão se demonstra contrária aos pensadores utilitaristas, que tratam a liberdade como algo cabível ao controle do cálculo.

4. CONCLUSÃO

Fiódor Dostoiévski constrói uma crítica contundente à modernidade ocidental. O autor russo questiona a lógica do progresso, o culto à razão, e os valores que sustentam o ideal burguês sobretudo a liberdade, a igualdade e a fraternidade mostrando como esses conceitos, embora exaltados em discursos, revelam-se, na prática, inócuos ou mesmo contraditórios. Em *Notas de Inverno sobre impressões de verão*, a crítica aborda contornos sociais e políticos, a Inglaterra industrializada aparece como símbolo máximo da ordem racional, mas também da desumanização. Sob a fachada do progresso técnico e da estabilidade social, esconde-se uma população oprimida, esgotada, presa a um sistema que recompensa a produção e o consumo, mas esgota o espírito.

O "homem do subsolo" em *Memórias do subsolo* é a voz do indivíduo que, consciente da armadilha racionalista, recusa a utopia da harmonia universal e denuncia o absurdo de tentar regular a vida humana como se fosse uma equação matemática. Sua revolta é a afirmação última da liberdade mesmo que isso implique sofrimento, contradição e autossabotagem. Para ele, o desejo de liberdade é mais essencial que a própria felicidade. Dostoiévski assim não apenas critica um sistema social injusto ou uma filosofia abstrata ineficaz, mas propõe uma reavaliação da própria noção de humanidade.

Para ele a verdadeira fraternidade não se funda em leis ou fórmulas ideológicas, mas na capacidade de sacrifício, no amor espontâneo, no reconhecimento do outro como fim em si mesmo algo que só pode emergir de uma profunda transformação interior. Essa visão continua relevante hoje, em um mundo onde o cálculo, a produtividade e a racionalização ainda moldam profundamente a vida cotidiana. O grito do "homem do subsolo" permanece um lembrete incômodo, mas necessário o de que a liberdade humana não pode ser reduzida à lógica do útil, e que uma sociedade verdadeiramente humana não se constrói apenas com sistemas pragmáticos. Fiódor Dostoiévski construiu em sua obra uma crítica poderosa e profunda à modernidade ocidental. Sua denúncia não se restringe apenas às consequências sociais e políticas da racionalização da vida, mas atinge os próprios fundamentos simbólicos que sustentam o ideário moderno ou seja a crença no progresso técnico como caminho necessário da humanidade, a confiança inabalável na razão como medida de todas as coisas, e a ideia de que o ser humano pode ser disciplinado, regulado e feliz dentro de um sistema lógico de bem estar coletivo.

A liberdade para Dostoiévski não é previsível nem confortável. Ao contrário, ela é caótica, angustiante e muitas vezes destrutiva. Mas é justamente esse traço imprevisível que a torna essencial. Em um mundo onde tudo se torna produto, dado, cálculo ou previsão, o gesto humano de dizer não ainda que contra todo bom senso é a afirmação final da subjetividade. O "homem do subsolo" se torna assim um símbolo da resistência ao apagamento do espírito, da vontade e da complexidade da alma em um sistema que tenta domesticar até mesmo os impulsos mais íntimos.

Dessa forma Dostoiévski não propõe apenas uma crítica a um sistema social injusto ou a uma filosofia abstrata, mas uma reavaliação radical da própria condição humana. Ele sugere que qualquer sistema que tente enquadrar o ser humano apenas pelo crivo da razão, da utilidade ou da eficiência está condenado ao fracasso não por erro técnico, mas porque nega o elemento mais vital da existência: a liberdade de desejar o incerto, o ilógico, o impossível. Para ele, o ser humano não precisa apenas viver bem, mas precisa viver de forma autêntica, mesmo que isso custe segurança, estabilidade ou sanidade.

Essa visão permanece profundamente atual. Em tempos marcados por algoritmos, previsibilidade comportamental e otimismo tecnológico, o grito desesperado do "homem do subsolo" nos lembra de algo essencial que o humano não é apenas razão, nem máquina produtiva, nem entidade previsível. É além de tudo vontade, caos, dor e criação. Uma sociedade verdadeiramente humana não pode ser construída apenas com cálculos e estruturas ela exige espaço para o mistério, para o erro, para a liberdade de ser aquilo que escapa a qualquer tabela. Dostoiévski, com lucidez incomum, aponta que há uma profundidade no homem que nenhum sistema é capaz de medir e é nesse abismo que se encontra o que há de mais verdadeiro.

REFERÊNCIAS

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. **Memórias do Subsolo**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2004.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. **Notas de Inverno sobre Impressões de Verão**. Tradução de Lucas Simone. São Paulo: Editora 34, 2004.

FERNANDES, Arlene. **Racionalismo e romantismo em “Memórias do subsolo”**, de Dostoiévski. RUS - Revista de Literatura e Cultura Russa, São Paulo, v. 12, n. 18, abril de 2021.

FRANK, Joseph. **Pelo prisma russo: ensaios sobre literatura e cultura**. Tradução de Paulo César de Souza e Francisco Achcar. São Paulo: Edusp, 1992.

MILL, John Stuart. **O Utilitarismo**. Tradução de Luiz João Baraúna. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Coleção Os Pensadores).